



Siridiwê, Sereburã e Supretapã trouxeram 20 índios xavantes para grande evento multimídia no Museu da República que relembra, na visão deles, os 50 anos de contato com homem branco

“Já estou fraco, estou ficando velho. Sei que vou embora logo. Não é de agora que estamos aqui. Somos de uma linhagem antiga. O espírito da Criação sempre esteve e vai estar presente aqui. Sempre. Mesmo quando eu morrer o espírito da Criação vai permanecer para que meus filhos possam transmiti-lo para os filhos deles. E para que os filhos deles também transmitam para seus filhos e netos. Assim, aqueles que ainda vão viver neste lugar, vão saber cuidar da Terra e da herança que receberam”.

Hipru, velho guardião da tradição oral dos xavantes, no videodocumentário *A'uwê Uptabi: povo verdadeiro*.

A palavra da nação esquecida

Celebração dos 500 anos dá nova visibilidade a povos indígenas, que agora contam sua própria história

CLAUDIO CORDOVIL

Índio agora apita. O Brasil está descobrindo seus índios, cinco séculos depois que as caravelas portuguesas aportaram no litoral brasileiro. Por conta das celebrações dos 500 anos do Descobrimento, eles estão ganhando uma visibilidade inédita no país. Convidados para debates, produzindo vídeos, exposições, escrevendo livros em português sobre suas tradições, apresentando seus cantos e danças em espetáculos especialmente concebidos para os *warazus* (estrangeiros no dialeto Jê dos Xavantes), os índios nos mostram agora a riqueza de uma história que nunca foi contada. Dispensando a mediação de antropólogos e missionários, estão assumindo cada vez mais a sua história na primeira pessoa do plural para contar aos *warazus* sua resistência e seus mitos de criação.

Na semana passada, o índio Davi Kopenawa, da tribo ianomâmi, proferiu a palestra inaugural do ciclo *Brasil 500 anos: experiência e destino*, promovido pelo Ministério da Cultura/Funarte, mostrando a sabedoria de um povo que não precisa de documento escrito para provar suas verdades: “Os brancos desenharam suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Há muito tempo guardamos as palavras de nossos antepassados dentro de nós, e continuamos passando-as para nossos filhos”. Ailton Krenak, presidente do Núcleo de Cultura Indígena, falou na segunda-feira passada, no mesmo evento, mostrando que se, para nós, o marco zero da criação foi o Descobrimento, para os índios ele se deu desde o começo do mundo. De hoje a domingo, o Palácio do Catete é a sede de uma República Xavante. Lá, índios da Aldeia Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, relembram, do seu ponto de vista, os 50 anos de contato com o homem branco.

Uma exposição fotográfica denominada *Xavante: 50 anos de contato* faz ali um paralelo histórico-fotográfico da aldeia xavante, de 1948 até hoje. Uma instalação de Siron Franco recria os *varais de contato* onde se penduram bugingangas para atrair índios. Nos jardins do Museu, de amanhã a domingo, 20 xavantes guerreiros, adornados com pinturas e enfeites, dançarão, às 20h, um ritual especialmente preparado para mostrar aos *warazu* suas tradições culturais. Para isso, viajaram 36 horas. Programa de inesquecível fascínio para as crianças, que, sem os preconceitos dos adultos, se acostumaram a amar os índios. Ontem, foi lançado, também no

Museu, o livro *Wamrême Za'ra – Nossa palavra: mito e história do povo xavante*, de autoria de Hipru, Sereburã, Rupawê, Serezabdi e Sereñimírãmi. Este é o primeiro livro xavante traduzido para o português por jovens índios da aldeia de Pimentel Barbosa, designados pelos mais velhos para fazer uma ponte com a cultura branca.

Nesta nova história, nada de cientistas sociais. “Antropólogo pensa que entende mais de índio do que índio”, brinca Paulo Supretapã Xavante, um dos líderes da Aldeia Pimentel Barbosa que, habitada por 400 índios, é uma das raras comunidades xavantes que, para manter viva sua tradição, se recusa a receber antropólogos ou missionários. Receberam sim, em 1995, os roqueiros do grupo Sepultura, que lá gravaram um disco e conquistaram a estima dos xavantes, em um caminho aberto por Milton Nascimento. Em 1991, depois de lançar o disco *Txai* com música indígena gravada em campo, Milton transferiu pela primeira vez os direitos autorais para os povos indígenas. A aldeia de Pimentel Barbosa é assessorada pelo Núcleo de Cultura Indígena, uma ONG fundada pelos índios, em 1985, no rastro da criação da União das Nações Indígenas.

Uma experiência inusitada ocorreu ontem pela manhã, quando cerca de 20 índios xavantes –muitos deles entravam em um sala de projeção pela primeira vez – assistiram ao recém-finalizado, bem cuidado e tocante videodocumentário *A'uwê Uptabi: Povo verdadeiro*, produzido pelos próprios índios da Aldeia de Pimentel Barbosa, com assessoria de Belisário França, sobre o primeiro contato com os brancos. Naquela sala de projeções, no passado, Getúlio Vargas viu as imagens do contato com os xavantes, feitas em 1948, agora revistas e atualizadas.

Com narração de Milton Nascimento e a bela música de Túlio Mourão, composta especialmente para o documentário, a fita de 32 minutos arrebatada e emocionante. Na plateia, a minoria branca foi às lágrimas com o relato na voz mágica do velho Hipru, em dialeto Jê, com lendas. Em meio a imagens originais de 1948, onde a violência do processo de aculturação ganha tons inesperados, Hipru sentenciou. “Com sua hipocrisia, com seus presentes para enfeitar nosso povo. Acreditamos que eram boas as suas intenções. Pensamos que era um ato de amizade sincera. Aceitamos os presentes. Acreditamos que, aceitando, vocês iam nos respeitar. Mas vocês dizem que estamos integrados, que perdemos nossa cultura. Vocês estão enganados. Aqui, em Eteniritipa (Pimentel Barbosa), a força da Criação permanece viva. Somos o povo verdadeiro”.

■ Continua na página 2

Reprodução



Com pinturas, os xavantes mostrarão sua dança no Museu da República

INSTITUTO		DOCUMENTAÇÃO	
SOCIOAMBIENTAL		J.B.	
Fonte			
Data	18/9/98		Pg 2 cont
Class.	1398		

■ Continuação da capa

Vídeo retrata a sabedoria dos xavantes

Mas se engana quem pensa que o documentário, que será mostrado de hoje a domingo às 17h, é uma espécie de acerto de contas. Repleto de imagens de uma natureza prodigiosa, e filmado na própria aldeia, cada vez mais comprimida pelas fazendas circundantes, *A'invê Uptabi: Povo verdadeiro* é uma mensagem de paz e dignidade, onde desponta a graça dos curumins que deverão levar a

tradição adiante. Através do filme, conhecemos os costumes da tribo, desde a corrida com toras de buritis, até o casamento, onde tudo é arranjado pelos pais, passando pelo ritual de furação de orelhas, marco da passagem do adolescente para a vida adulta, e pelo ritual da caçada – tremendamente arraigado na vida espiritual do índio. “Sem a caça, nosso povo não sonha. O sonho é a base da Criação”, explica o narrador.

Sereburã, um dos mais velhos índios da tribo, e, por isso, respeitado pela comunidade como repositório da tradição, conheceu Getúlio Vargas, em 1954, em visita de uma delegação ao mesmo palácio, que oficializava o contato com os brancos. Agora, de

volta ao palácio, 44 anos depois, relata com emoção, com a ajuda do intérprete Paulo Xavante, sua saudade transbordante de perdão: “Vargas foi embora. Estou vendo esta casa vazia sem ele e isso dá muita saudade, porque foi ele que protegeu os povos indígenas. Ele foi o único presidente a receber indígenas. O atual presidente não nos recebe, trata-nos com indiferença e quer tomar as coisas da gente. Estamos vivendo problemas sérios, mas viemos aqui. O governo quer construir uma hidrovía que passará por nossa comunidade. Mesmo assim, deixei meu povo para apresentar nossa cultura ao povo do Rio. Espero que gostem de ver nossa cultura” concluiu. (C.C.)